

MADRE GLÓRIA: MEDIADORA DA ARTE EM UBATUBA-SP

Maria Luiza Gil de Oliveira da Motta¹
Ana Cabanas²

RESUMO: Encontrar um significado para a palavra Arte é quase impossível de colocar em palavras, pois não é só uma teoria e sim um universo de vivências. Isso é só uma prova do quão incrível é a arte. O objetivo deste estudo de caso exploratório é deixar registrada toda a passagem da Irmã Maria da Glória por Ubatuba, de forma a registrar sua contribuição educacional na vida de muitas pessoas que tiveram seu contato. Foram utilizadas com bases de dados artigos científicos, pesquisas publicadas em jornais impressos, cartas, documentos e coleta de dados mediante a conversa face a face com pessoas que tiveram contato direto com a Irmã. Madre Maria da Glória dedicou-se intensamente à educação e à melhoria de vida das pessoas. Foi uma personalidade marcante em toda a sua história de vida. Conclui-se que Madre Maria da Glória colaborou para o desenvolvimento da arte na vida do ser humano, pois trabalhava diretamente com a arte em todas as suas atividades. Amante do mundo artístico, amor incondicional ao próximo e total dedicação à educação, foi um exemplo de vida que ficará marcado na história de muitos Ubatubenses e da própria história de Ubatuba.

Palavras-chave: Caridade. Humanidade. Arte. Cultura. Educação.

ABSTRACT: Find a meaning to the word art is almost impossible to put into words, it is not just a theory but a universe of experiences. This is just proof of how amazing it is art. The objective of this exploratory case study is put on record all the passing of Sister Maria da Gloria of Ubatuba, in order to record their contribution in the educational lives of many people who had their contact. Were used with databases papers, research papers published in printed journals, letters, documents and data collection through face-to-face with people who had direct contact with Sister. Mother Maria da Gloria was intensely devoted to education and improvement of people's lives. It was an outstanding personality in all its life history. Conclude that Mother Maria da Gloria contributed to the development of art in human life, therefore, worked directly with art in all its activities. Passionate about the art world, close to unconditional love, total dedication to the education she was an example of life that will go down in history for many ubatubensis and the history of Ubatuba.

Key words: Charity. Humanity. Art. Culture. Education.

¹Licenciatura em Educação Artística e Pós-graduada em Arte Terapia, História da Arte e Psicomotricidade e Gestão em Educação.

²Graduada em Comunicação Social, Pós-graduada em Metodologia Científica e Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual, Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento Regional e Doctora en Humanidades y Artes com Mención en Ciencias de la Educación.

INTRODUÇÃO

O contato da Irmã Maria da Glória com a cidade de Ubatuba teve origem junto ao movimento de auxílio às populações carentes de todo o Litoral do Rio de Janeiro ao Paraná. Este movimento denominou-se Assistência do Litoral de Anchieta (ALA), uma iniciativa do Bispo de Santos, Dom Paulo de Tarso Campos.

Irmã Maria da Glória veio a Ubatuba para assumir a coordenação dos trabalhos da região e da primeira escola ALA da Congregação de Nossa Senhora das Cônegas de Santo Agostinho.

Com estudos em filosofia, latim, pedagogia, psicologia, canto, declamação, expressão corporal, teatro, dança, história da arte, pintura, desenho, literatura francesa, inglês, italiano, órgão, harmonia, composição e regência, Madre Glória sempre foi presença indispensável em todas as manifestações que contribuíram para o progresso do município.

Amante da Arte, lecionou e ajudou muitas pessoas, inclusive aos presidiários em viverem melhor com o manuseio dos trabalhos artesanais. Por isso, neste estudo o objetivo foi viabilizar o conhecimento sobre a história da Irmã Maria da Glória como fator impulsionar na arte caiçara de Ubatuba-SP.

1. FUNDAMENTAÇÃO

No dia 25 de março de 1907, às 21 horas, em Campinas (SP), nascia Helena de Freitas Guimarães, filha de Francisco de Freitas Guimarães e de Dona Albertina de Oliveira Freitas Guimarães. Única menina em meio aos seis irmãos.

Figura 1 – Madre Glória



Fonte: Vigneron, s.d.

Muito alegre e dinâmica, Helena adorava estudar e aos três anos já falava francês e aos sete anos estudava inglês. Aos seis anos de idade, mudou-se com a família para a cidade de Santos/SP. Perdeu a mãe aos 14 anos de idade.

Cursou o ginásio em Santos, no Colégio Stella Maris. Desde cedo demonstrou interesse em se aprofundar nos estudos. Já, nessa época iniciou um trabalho junto aos pobres e logo em seguida surgiu sua vocação religiosa.

Em conversa despretensiosa, quase sem querer, veio-lhe a ideia, um impulso não explicativo de ser Freira, seguir a vida religiosa. Ela que nunca havia aventado a possibilidade de vir a ser uma religiosa ficou surpresa perante a possibilidade que surgia e logo nasceu a dúvida: Será que a congregação Nossa Senhora Cônega de Santo Agostinho aceitaria alguém com a sua vida de bailes, teatros, músicas, danças?

A resposta da Madre Superiora a surpreendeu. Era justamente de pessoas assim que necessitavam: uma freira alegre, que soubesse tocar piano, dançar e culta. Aceita, sua decisão foi inabalável. Doou suas roupas, vestiu o hábito.

Seus irmãos e toda a família tentaram impedir tal decisão por acreditar que ela não tinha nenhuma vocação para ser religiosa. Nada adiantou. Foi assim que a moça da sociedade, Helena, cujo pai fazia suas vontades, cansada de festas, foi à Bélgica para se tornar Madre Glória. Assim, nascia a missionária que encontrou sua vocação.

Aos vinte anos entrou para o Convento e, em 1928, seguiu para a Europa (Bélgica) para estudar e se tornar a Madre Maria da Glória, ficando por cinco anos.

Rolim escreve que suas companheiras no Noviciato de Jupille (Bélgica), onde fora se formar, contavam inúmeras estórias de suas peraltices.

Um dia, não tendo ouvido o toque de despertar, atrasou-se e aprontando-se depressa para ainda alcançar a missa, olha lá de cima, do 4º andar, as escadas que desciam em espiral. E se descesse pelo corrimão, não chegaria mais rápido? Num zaz traz arregaça o hábito e escorrega por ele até o térreo (ROLIM, 1998, p.124).

Encontra-se com a madre geral, que depois do sermão pede desculpas e é perdoada desde que não repita o ato novamente.

Retornou ao Brasil em 1933, indo para o Colégio Santo Agostinho na Rua Caio Prado, no centro de São Paulo. Em 1942, Madre Glória foi trabalhar em Recife, onde permaneceu até 1950. Depois voltou a Santos como diretora da Escola Gratuita da Congregação, Externato Santa Tereza, época em que começou a trabalhar com a ALA.

Com outras irmãs fez estágio na Bahia na Campanha Nacional de Educação Rural (CNER).

Em 1938, foi criado por iniciativa de Dom Paulo de Tarso Campos, Bispo de Santos, um movimento de auxílio às populações carentes de todo o litoral do Rio de Janeiro ao Paraná. A este movimento denominou-se ALA. Caravanas partiam em embarcações com médicos, professores, agrônomos, dentistas, religiosos e voluntários para colaborar com estas populações do litoral que necessitavam de todo tipo de ajuda.

Em Ubatuba, com auxílio do então governador Jânio Quadros, foi construído o primeiro prédio da entidade. O local era um campo de futebol, onde os moradores se reuniam para jogar bola e se divertir, mas até os jogadores protestavam. O terreno era um verdadeiro charco e quando chovia, as ruas da Conceição e Gastão Madeira ficavam debaixo de água.

Foi nesse local que, em 1956, iniciou-se a construção da primeira escola ALA, da Congregação de Nossa Senhora das Cônegas de Santo Agostinho, e Madre Glória assumia a coordenação dos trabalhos da região. O colégio demorou quatro anos para ser concluído.

Em 26 de dezembro de 1956, Madre Glória veio para Ubatuba acompanhando a irmã Jane. Naquela época, a viagem de São Paulo para Ubatuba demorava cerca de sete horas, quando não parava no caminho à espera de socorro. As estradas eram péssimas. Para Taubaté, cinco horas de jardineira. Parava-se em toda bica d'água para por água no motor e além dos pulos dentro da jardineira. Entre Caraguatatuba e Ubatuba, Irmã Jane disse-me: - *Preste bem atenção nas praias, porque você não veio só para me acompanhar. Você está destinada a ser a fundadora da ALA de Ubatuba!* – E assim foi.

Naquele início incerto, ela julgou por bem conhecer primeiramente a região, as pessoas, inteirando-se de seus costumes e de sua cultura. Percorreu a pé ou pegando carona, ora de um, ora de outro, dezenas e dezenas de quilômetros. “Era comum vê-la de hábito, com um grande chapelão de palha e um cajado, a caminhar... a caminhar...” (ROLIM, 1998, p.125).

Rolim relata também que certa vez a Irmã visitava um povoado, no outro dia uma praia distante, outro dia um agrupamento perdido na encosta da serra. Viajava de barco com os pescadores para conhecer os habitantes das ilhas que avistava ao longe. Era uma andarilha.

Gostava de ouvir os causos e as histórias sobre os índios e os personagens folclóricos. Sempre com o olhar curioso sobre as ruínas que marcavam o passado glorioso daquelas paragens. Fez amizade e conheceu muita gente. Teceu laços com todos, principalmente, com os pobres que faziam questão de cumprimentá-la nas ruas por onde a avistavam.

Visitar as praias mais afastadas era uma aventura. Madre Glória conta que a primeira vez que foi à praia de Itamambuca, como inspetora de ensino religioso das escolas isoladas, o pescador que a acompanhava preferiu seguir pela costeira, em vez de pegar a pequena estrada de chão batido. “Tínhamos que nos puxar pelas raízes das flores, subir os rochedos, descer do outro lado escorregando. E tudo isso com aquele hábito antigo”.

Madre Glória visitava todas as escolas isoladas, desde a divisa com Paraty até a Ilha Bela. Viajava de barco, a pé, de carona na charrete do professor Joaquim Lauro e dali seguiam a pé para o Saco da Ribeira, Lázaro, Praia Dura. No Corcovado, dava aulas de catecismo e visitava muitas outras escolas de Caraguatatuba, São Sebastião e Ilha Bela.

Na data de 13/12/1959, inaugura-se o prédio novo da ALA e se forma a 1ª Turma da Escola Artesanal. Em 1960 é nomeada responsável por esta sede da ALA Irmã Maria José de Oliveira Ribeiro (Ir. Petrina), que permanece até dezembro de 1966. A ALA funcionou nesse local até o ano de 1986, quando vendeu o imóvel à prefeitura (ROLIM, 1998, p.96).

Com a abertura da estrada Rio - Santos, a ALA foi extinta. O trabalho da ALA era justamente auxiliar e socorrer as pessoas das praias mais afastadas, e a construção da rodovia facilitou em muito a comunicação entre as vilas e a cidade.

No centro, a ALA mantinha nessa época dois colégios gratuitos, um internato para filhas de pescadores que abrigava 60 alunas e um externato para as aulas e cursos. Atualmente, a ALA é um prédio da prefeitura, onde funciona a secretaria de Educação, na Rua Gastão Madeira, e o externato, na atualidade, funciona a Escola Municipal Profa. Olga Ribas de Almeida Gil. As alunas internas recebiam orientação sobre atividades domésticas e trabalhos manuais.

Além do trabalho religioso, Madre Glória dava aulas de piano – oferta do Colégio de São Paulo. Então, dispôs-se a dar aulas de música às crianças da redondeza, formando um grupo numeroso de alunos que se apresentavam individualmente ou em bandinhas nas datas comemorativas. Este piano foi doado pela própria Irmã quando

parou com suas atividades à Fundação de Arte e Cultura (FundArt). Foi reformado graciosamente por Eurivaldo Paschoalin. Atualmente, o piano pertence à Casa da Cultura.

Madre Glória também dava aulas de canto, de pintura e de francês e desde a sua chegada já se ocupava com os presos. A cadeia ficava na Praça Nóbrega, na atualidade, Casa da Cultura de Ubatuba. Eram três celas, uma para homens, uma para mulheres e uma para os loucos.

Era uma cela toda forrada que abrigava os doidos. Madre Glória deu assistência aos presos, visitando-os frequentemente e os ajudando na confecção de trabalhos artesanais e na venda, cujo dinheiro comprava novo material. Esse material se transformava em toalhas de mesa, portas joias, pipas, barcos feitos de palitos de dente e entre outros.

Na época que Madre Glória residia com outras três irmãs na casa da Rua Dona Maria Alves, havia nos fundos uma sala que reunia esses e outros trabalhos confeccionados por crianças e jovens – local demolido em outubro de 2000 para construção de um supermercado.

Tintas, vasos, quadros, livros, argila, lápis de cor, giz de cera, uma infinidade de objetos e instrumentos musicais da bandinha compunham o interior dessa escola de arte. Muitas pessoas em Ubatuba receberam uma riquíssima formação artística e cultural por meio da Madre Glória.

Como o dinheiro era curto, juntava vários tipos de sucata, para alegria de seus alunos e desespero de algumas Irmãs que viam o depósito acumular-se com várias coisas.

Rolim coloca em seu livro o depoimento de MHNDA, o qual relata o grande amor que tinha pela Madre Glória.

Eu gostava de participar de tudo. Tocava piano com a Madre Glória, minha ÍDOLA, até [na atualidade]. Quanta paciência tinha conosco! Tudo que aprendi e tive gosto em relação à arte, foi com ela que desenvolvi. Levava-nos a São Paulo, para participarmos de exposições na Folha de São Paulo – os nossos desenhos estavam lá expostos! Achávamos o máximo! ... (ROLIM, 1998, p.126).

Nesse depoimento M. H., também relata que Madre Glória levava seus alunos a fazer viagens para visitar lugares como a Caverna do Diabo e outros tantos. Tudo era válido pela arte [...] e fecha o depoimento com a frase: “Com ela eu tinha a sensação de viver a liberdade”.

A cada ano seguia em São Paulo ou alhures algum curso de aperfeiçoamento em música, desenho, francês e religião, disciplinas que ensinava no Ginásio Estadual, buscando atualizar-se e dar o melhor às gerações que a tiveram por mestra. Nunca foi uma pessoa acomodada.

Foi uma das primeiras professoras da escola estadual “Capitão Deolindo de Oliveira Santos”. Revolucionária, promoveu em 1972, junto com seus alunos, a pintura do muro do cemitério do centro de Ubatuba com margaridas de muitas cores.

Segundo Rolim (1998, p.127), “floriram o muro do Cemitério, era a manchete do jornal. E esta foi uma das últimas invenções da Irmã Maria da Glória com seus alunos da Escolinha de Arte”.

Pensaram em tornar florido o muro que circunda o campo-santo da cidade praiana. Alunos desta Escola pintaram então o muro. Aliás, florões bem lançados, de cores vivas, denotando a arte em exuberante promessa (ROLIM 1998, p.127).

Essa notícia causou certa polêmica na comunidade, pois era um fato inédito.

Muro de cemitério pintado de flores? Como em todos os lugares um lugar onde predomina a dor da perda e a saudade não poderia inspirar uma arte assim, florida e alegre. Alguns gostaram outros não, e o caso foi matéria dos jornais, dos rádios e das conversas na praça. Nos comentários do escritor do jornal ele aprovou a inovação e concluiu que: “A morte é uma contingência da própria vida. E ambas são da vontade do Senhor”. Então vale a pena enfeitar de flores nossa última morada. Dar-lhes as cores de nossa Fé, [por meio] das flores que são uma das obras primas do Criador (ROLIM 1998, p.127).

Quando ele encerrou a matéria, colocou uma frase bíblica que dizia: “Os bons hão de florir nos átrios do nosso Deus”. É o pensamento que se fixa ali, as flores do muro. E veio a calhar.

Madre Glória foi também a grande incentivadora e realizadora dos cursos e concursos de escultura na areia, que teve por muitos anos o seu nome quando a prefeitura de Ubatuba promovia o evento. Na atualidade, infelizmente, não acontece mais este evento na cidade, na época acontecia aqui e em diversas cidades do Litoral Paulista.

[Por intermédio] da Escolinha de Arte, reconhecida oficialmente pela prefeitura na gestão do Cecílio Matarazzo Sobrinho, um de seus grandes amigos, ela pode entrar com 25 alunos no Concurso de Esculturas na Areia. Organizado pela secretaria de Cultura Esporte e Turismo do Estado de São Paulo que, pelo Decreto n° 50.907 de 20/11/68, convocava crianças e jovens

a mostrarem suas habilidades de escultores nas areias do Litoral (ROLIM 1998, p.126).

Para este concurso, os alunos participaram da primeira fase que seria a apresentação de cartazes sobre o concurso de esculturas que ocorreria posteriormente. E a segunda fase ocorreria nas praias do Litoral Norte Paulista, em 05 de janeiro de 1974.

O evento contou com a colaboração dos Diários dos Associados, da Tribuna de Santos, da prefeitura municipal do Guarujá e do clube da Orla. O primeiro prêmio na final do concurso era uma viagem pela *Air France* à cidade de *Baule* (França), e o segundo, uma viagem a Buenos Aires.

Madre Glória levou, para este concurso, crianças e jovens da cidade de Ubatuba e Taubaté. Seu aluno Alziro Carneiro de Barros, de Ubatuba, com apenas 15 anos, foi o vencedor em Ubatuba com a escultura “Caiçara Dormindo”, e na final, na praia de Pitangueiras, em Guarujá, ficou com a segunda colocação, levando a passagem para Buenos Aires. Na época era pintor e escultor, e foi para Buenos Aires junto com a Madre Glória.

Alziro mais tarde foi cursar a Escola de Belas Artes na Capital paulistana, conseguindo um emprego numa fábrica de tecidos como desenhista. Ubatuba de antigamente era melhor ou pior do que se vê no século XXI?

Muita gente ainda prefere aquele tempo, mas eu não. O progresso que veio não foi só para rebaixar os que moravam por aqui. Todos aqueles que viviam dificilmente, na atualidade, tem algum conforto. Muitos estudaram e se formaram pessoas de famílias modestas. Não devemos ter medo de nada.

Antigamente os evangélicos não falavam com os católicos. *As crianças diziam, quando me viam: mulher de padre.* Atualmente, não somos respeitadas, trabalhamos muito bem com todos os crentes.

Eu os chamo de meus sobrinhos, porque eles são filhos de Luthero – um irmão que fugiu de casa e fundou outra religião! Todas as religiões adoram a Deus. A essência é a mesma. Haverá sempre espíritos curtos, pouco inteligentes, que vão brigar, mas no fundo todos se respeitam.

Dos varredores de rua até o prefeito, todos passaram por minhas mãos, ou na catequese, ou no francês ou na música, ou no desenho... tudo o que é feito [no mundo contemporâneo], esse movimento bonito na Igreja, é o que eu sonhava que fosse feito. O que falta é uma maior colaboração com a cadeia. Jesus diz, todos nós somos iguais. O maior bandido é assim, porque não teve o que nós tivemos (FUNDART, 1992).

Madre Glória faleceu aos 91 anos de idade em 26 de abril de 1998. Em novembro de 1998, o prefeito Zizinho Vigneron inaugurou uma escola no bairro do Ipiranguinha - Parque dos Ministérios - que em sua homenagem chama-se Escola Municipal Madre Maria da Glória.

Madre Glória deixa esta vida no dia 26 de maio de 1998, como mostra na matéria do jornal A CIDADE de Ubatuba. Madre Glória morre aos 91 anos: a Irmã revolucionou com alegria e amor a Educação em Ubatuba.

No último dia 26, Helena de Freitas Guimarães, Madre Glória para todos, deixou este mundo onde apenas semeou o bem e marcando sua passagem como uma grande educadora e pela assistência ao próximo e aos mais necessitados. Sua memória será perpetuada com aprovação de projeto do Executivo pela Câmara (com apenas um voto contrário do vereador Benedito Julião - PFL), que autorizou a utilização de seu nome na escola em construção do Parque dos Ministérios.

Com sete salas de aula, que atenderá cerca de quinhentos alunos de 1ª a 4ª série, a escola entrará em funcionamento no início do próximo ano.

Durante o velório, ocorrido em São Paulo, o prefeito Zizinho Vigneron lembrou sua inestimável contribuição para com o ensino e as manifestações culturais de Ubatuba na área do ensino de música, línguas e artes plásticas. Entretanto, segundo o prefeito, “seu maior legado é o exemplo como ser humano, sempre a postos para gera esperança e alegria ao semelhante”.

A prefeitura decretou luto oficial, por três dias, em respeito ao falecimento da educadora.

2. METODOLOGIA

Estudo de caso exploratória realizado com pessoas que fizeram parte da vida de Irmã Madre Glória, em Ubatuba a busca por documentos, artigos científicos, pesquisas publicadas em livros e relatos sobre a Irmã. Então a formulação de diagnóstico acerca do processo.

Foram inseridos os nomes das pessoas que participaram da pesquisa em iniciais conforme as regras das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, estabelecidas na Resolução nº 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

Para a coleta de dados com os sujeitos que conheceram Madre Glória utilizaram um roteiro de perguntas semiestruturadas contendo três questões: Como conheceu a Madre Glória? Quais as melhores lembranças que você tem desta Irmã que morou aqui em Ubatuba? O que você diria sobre a contribuição da Madre Glória no desenvolvimento da arte em Ubatuba?

As pessoas que foram recebendo a pesquisa para responder sobre a Irmã, não mediram esforços para construir a esta biografia. Das 17 pessoas que participaram, uma desistiu por problemas particulares e duas não conseguiram entregar o instrumento em tempo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Madre Glória, uma senhora de cabelos brancos que sempre estavam arrumados com uma peruca que lhe caía muito bem. Era uma pessoa abençoada, muito dedicada que passou anos ensinando arte aos presos de Ubatuba, oferecendo um pouco de esperança e trabalho aos detentos.

Foi esta senhora, o espaço que ela criou que talvez tenha despertado este grande interesse em mim pelo mundo das artes. Ainda me lembro dos seus passos entrando na igreja para participar da missa. Sempre alegre rindo para todos.

Musicista nata, tocava e cantava, dinamizando as celebrações litúrgicas da “paróquia Exaltação da Santa Cruz”.

Mesmo com as dificuldades que os anos traziam ela era participativa e muito sorridente. Essas lembranças nunca irão sair do meu pensamento, pois marcaram toda a minha vida.

Pedro Paulo conta que conheceu Madre Glória ainda pequeno. Foi seu aluno e admirava muito sua vida acadêmica.

Vivendo em Ubatuba, uma cidade ainda pequena, conheci a Madre Glória tão logo ela chegou para desenvolver seu trabalho missionário junto à Assistência ao Litoral de Anchieta, ALA. Foi dedicada professora de francês do recém-criado Ginásio Estadual de Ubatuba, que funcionava no período noturno, no prédio do então Grupo Escolar “Dr. Esteves da Silva”.

Deu aulas de piano e muito ligada às artes, em geral, desenvolveu trabalhos, principalmente com crianças. Criou um coral que se apresentava em festivais escolares.

Ensinou uma arte que fazia sucesso na época, a escultura na areia, e seus melhores escultores participavam de concursos municipais e regionais.

Madre Glória participou intensamente da vida da cidade, notadamente nas áreas estudantil e religiosa, contribuindo muito com sua formação cultural para nosso desenvolvimento.

Sua contribuição para a arte, em Ubatuba, foi decisiva. Éramos uma pequena comunidade, provinciana, isolada em relação aos grandes centros, e sua contribuição foi de grande importância, tanto no campo da arte como também no campo humanitário. Isso ficou marcado em minha vida.

Marco se lembra com muita emoção da Irmã, pois, foi um dos seus primeiros alunos de Ubatuba. Conta com grande orgulho que até agora sabe cantar a música que aprendeu em francês com a Irmã, e cantou para vermos.

No início da década de 1960, foi implantado, no município de Ubatuba, o Ginásio denominado “Ginásio Estadual Capitão Deolindo de Oliveira Santos”, situado na época no lugar do Grupo Escolar Dr. Esteves da Silva, onde eu fiz parte da primeira turma.

Na formação do corpo docente deste Estabelecimento, fazia parte a Irmã Madre Maria da Glória que lecionava francês. As maiores lembranças desta Madre que aqui se fixou por vários anos são: Em primeiro lugar, a fundação da ALA que muito ajudou aos caixas em sua educação e formação profissional, funcionava em regime de internato, somente para mulheres. Em segundo lugar como professora de francês, lembro-me de suas aulas de canto em francês, e uma canção de que nunca esqueci *La pluie contre la vitre* que queria dizer A chuva contra a vidraça.

A música era muito bonita e todos os alunos cantavam com muita alegria. Lembro-me também que Madre Glória não suportava ver nenhum aluno mastigar chiclete durante suas aulas, essa fazia com que os mesmos se desfizessem da goma de mascar.

Sempre foi uma professora extremamente bondosa e carinhosa conosco. Continuei a ser seu amigo até próximo de sua morte. Quando nos encontrávamos fazia-me muitos elogios, dizendo que fui sempre um bom aluno, apesar das travessuras, que não foram poucas.

Madre Maria da Glória contribuiu muito para o desenvolvimento da Arte em Ubatuba, foi decisiva porque passou quase toda vida educando nossos jovens na direção

do trabalho bem-sucedido e na honestidade que, até mesmo no século XXI, tem repercussão na história de Ubatuba.

Sônia foi basicamente educada na Assistência ao Litoral de Anchieta (ALA). Demonstra como é eternamente grata por tudo o que aprendeu.

Conheci Madre Glória, quando aos 12 anos entrei no Colégio das Irmãs da ALA, como era chamado. Eu era interna e pude conviver, no dia a dia do ano de 1964 até o ano de 1971, quando deixei a ALA para me casar. Mesmo me casando eu sempre mantinha contato, pois gostava muito das aulas de pintura e desenho, enfim, tudo que era arte, que foi o que a Irmã ensinou durante toda sua vida que esteve por aqui.

Sua alegria, dinamismo e sempre querendo ajudar a todos sem distinção. Fez um trabalho maravilhoso com os presos da cadeia de Ubatuba. Sua contribuição foi muito importante, porque da escolinha de artes e do trabalho com a escultura na areia foi descoberto muitos jovens e adolescentes que tinham vocação para pintura, desenho e escultura na areia.

Agradeço a Deus por eu ter sido privilegiada em conviver com Madre Maria da Glória, que sempre nos ensinou o caminho do bem e a servir os que mais precisam. Cleusa trabalhou muitos anos comigo no colégio Taba, onde ainda leciono, e agora entendo porque ela demonstrava tantas habilidades artísticas nos eventos que fazíamos na escola, e também nos trabalhos das datas comemorativas.

Conheci Madre Glória quando fui estudar na ALA. Estive nesta Associação durante um ano, onde cursei a 5ª série, porque onde eu morava só tinha de 1ª a 4ª série. Foi então que conheci a Madre Maria da Glória, pessoa muito extrovertida que vivia saltitando e cantarolando o tempo todo. Ela ensinava aula de canto para as alunas internas e piano para as externas.

Quando chegava à noite, fazia uma vistoria e contava todas as meninas, depois verificava as janelas e as portas para então ir dormir. Madre Glória contribuiu muito no desenvolvimento da arte em Ubatuba ensinando e incentivando seus alunos a gostarem de música, pintura numa época em que nós não tínhamos muita escolha, porque Ubatuba estava longe das outras cidades.

Lembro muito bem da ousadia dela quando levou seus alunos para pintar o muro do cemitério com flores. Ficou todo colorido. Houve críticas, uns gostaram, outros não. E as esculturas na areia. Lá estava ela no meio dos artistas, dando seus conselhos e passando seus conhecimentos.

Figura 2 Turma das internas da ALA junto com as irmãs



Fonte: Novaes, s.d.

Acredito que assim como fui influenciada por ela, muitas pessoas também foram. Lembro de um dia em que eu estava escrevendo uma poesia para um concurso, ela chegou e disse:

Não há pintor que pinte
As cores do amanhecer
Não houve nenhum poeta
Que pudesse descrever.
Obrigada Madre Glória!

Zizinho, sempre foi muito amigo de Madre Glória, concedeu uma pasta com várias lembranças da Madre Glória, desde a camiseta do concurso de escultura em areia até a certidão de nascimento, além de cartas e cartões recebidos da Madre Glória, jornais com as matérias referentes à trajetória dela e fotos da religiosa.

Sempre morei no Itaguá, nos anos 1950, percebi na casa da escritora de livros infantis Virginia Lefèvre uma movimentação com a chegada de várias freiras – Cônegas de Santo Agostinho – na residência da família Lefèvre. Vestindo hábito preto e peitoril branco para uma criança como eu chamava atenção. Dentre elas estava Madre Glória que naquela época iniciava em Ubatuba a implantação da ALA, e que prestou grandes serviços educacionais e sociais na então pobre e afastada comunidade de Ubatuba.

Atuante e cheia de vigor: a pé, de barco, ou de carona embrenhou-se por toda comunidade levando não apenas a fé de sua crença, mas, principalmente, os novos hábitos de higiene, preocupando-se com a saúde da população, a educação das jovens e dando oportunidade as mesmas de ficarem internas na escola mantida pela entidade recém-criada na cidade de Ubatuba.

Salienta que toda zona norte do município não dispunha de estrada e que para o sul diversas praias eram isoladas, dispondo apenas de trilhas para alcançar a pequena estrada de terra que ligava Ubatuba à Caraguatatuba.

Quando já adolescente pude conhecer Madre glória de perto, na qual a mesma era professora de francês e religião no então colégio Estadual Capitão Deolindo de Oliveira Santos e eu seu aluno. Tinha uma mente aberta e muito conhecimento, acredito que seu trabalho muito contribuiu não apenas na minha formação, mas de toda uma geração que naquela época estudava no então único ginásio da cidade.

O que sempre mais me chamou a atenção e que tenho melhor lembrança da Irmã Maria da Glória foi seu espírito jovem buscando sempre acompanhar as mudanças que o mundo moderno impunha. Sua participação no campo das artes talvez tenha sido até maior do que o de sua crença religiosa.

Zizinho ainda destaca a criação do concurso de escultura na areia que tinha a total liberdade de expressão e a sua escolinha de arte no quintal de sua casa que incentivava crianças e jovens para as artes.

A escola foi inaugurada no dia 21 de novembro de 1998, onde o prefeito Zizinho e o vice-governador do estado Geraldo Alckmin puderam entregar a EMEF “Madre Maria da Glória” para a comunidade.

De acordo com o jornal A CIDADE, 29 de novembro (1998), “é uma alegria vir a Ubatuba em um dia tão importante. Em um mundo globalizado e competitivo a questão do conhecimento é fundamental”. Falou o vice-governador Geraldo Alckmin. A obra reflete a importância que o governo estadual dá para a educação que é libertação dos homens. E ela que propicia as pessoas mudarem seus hábitos, dá um salto de qualidade na política e a nossa homenagem a Madre Maria da Glória pelo trabalho que realizou (PREFEITO ZIZINHO, 1998).

O ser humano é animal linguístico e todas as formas de linguagem servem de meio de expressão oral, visual ou corporal. O fato de lembrar sobre o passado e imaginar o futuro permite planejar e agir de um modo que torna o ser humano único entre os animais. Por isso, o desenvolvimento da criatividade e do senso estético para o requisito ao ingressar, permanecer e ter sucesso no novo mundo do trabalho (COSTA, 2001).

Ao longo dos séculos, desde tempos muito antigos, os homens têm utilizado o desenho, a pintura e a escultura para se expressar e buscar conhecer o mundo que os cerca.

A arte fez parte do dia a dia dos homens do tempo das cavernas. Fazia-se necessário o registro dos acontecimentos do passado do presente e de imaginar o futuro. Verdadeiros artistas se fizeram presente desde essa época.

Madre Glória tinha um grande olhar para a arte. Acreditava na potencialidade desse recurso. Educava, ensinava e mostrava seu grande amor ao próximo por meio do ensino da arte.

Quando veio morar em Ubatuba, trouxe consigo toda bagagem artística que a idade do Litoral Norte Paulista precisava. Acreditou na potencialidade dos munícipes e despertou em muitas gerações o olhar e o admirar pela vida artística.

Madre Maria da Glória marcou a vida de muitas pessoas que residem ou residiram em Ubatuba. Inesquecível para muitas crianças e jovens que levaram para suas vidas toda educação recebida desta grande educadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ter sido uma pessoa de extrema cultura, dedicação ao próximo e grande admiradora da arte, Madre Maria da Glória. Alguns dos sujeitos da pesquisa tinham várias lembranças que foi muito bom relembra-las. Outros ficaram felizes por contribuírem para um trabalho que glorificaria e registraria ainda mais as ações da Irmã querida.

Nesta pesquisa científica fica registrada toda a história e a passagem da Irmã Maria da Glória por Ubatuba. Sua vida, sua trajetória e seus trabalhos estão resumidos de forma simples e clara para todo leitor que deseja conhecer esta grande missionária de Deus.

Nesse sentido, pelo valor inestimável à cultura caíra, bem como à arte e à educação, recomenda-se que a história de Madre Glória se torne um livro para fazer parte da biblioteca da cidade, do acervo da Escola que tem como patrona a Madre Glória, da Fundação de Arte e Cultura, para tornar-se fácil acesso as pessoas interessadas pela história de Ubatuba e poder pesquisar sobre a grande personalidade que foi a Irmã Madre Glória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Lei Municipal nº 1782**: histórico da escola EMEF “Madre Maria de Glória”: organização da escola, 21 dez. 1998.

_____. **Madre Glória morre aos 91 anos**. Publicado em 03 maio 1998.

_____. **Madre Glória**: Compilado de Depoimento de 1992 e outros textos do arquivo da FundArt. Fundação de Arte de Ubatuba. Prefeitura Municipal de Ubatuba. Ubatuba, 1992.

_____. **Parque dos Ministérios ganha escola**. Publicado em 15 nov. 1998.

_____. **Zizinho e Alckmin entregam escola**. Publicado em 29 nov. 1998.

COSTA, A. C. G. Educação Artística, trabalho e Vida. **Arte na Escola**. Disponível em: <<http://www.artenaescola.org.br>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

FREITAS, J. B. F. Arte é conhecimento, é Construção, é Expressão. **Conteúdo da Escola**. Disponível em: <<http://www.conteudoescola.com.br>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

FUNDAÇÃO DE ARTE DE UBATUBA (FundArt). **Madre Glória 84 anos de luz: Jubileu de Diamante**. G. S. de História e Geografia de Ubatuba. Ubatuba, abr. 1991.

GOTTSFRITZ, G. Garota Sapeca. **Jornal Correio Caiçara**. Publicado em 23 ago. 1995.

JORNAL A CIDADE. **III Concurso Madre Glória de Escultura na Areia**. 20 jul. 1997.

JORNAL CORREIO CAIÇARA. **Escultura de Areia: Concurso Homenageia Madre Glória**. Publicado em 19 jul. 1995.

NOTÍCIA NA HORA. **Escola de Ubatuba tem prêmio de educação ambiental**. Publicado em 27 nov. 2008. Disponível em: <http://am.noticianahora.com.br>. Acesso em: 13 nov. 2016.

ROLIM, L. C. **Semeadoras da Esperança**: ALA: uma forma de educar. Santos: Loyola, jan. 1998.

UBATUBA. Câmara Municipal. **Decreto Legislativo nº 2/1980**: concede o Título de “Cidadã Ubatubense”, de 19 de agosto de 1980. Ubatuba, 1980.